

SÉRIE NOVO PACTO DA CIÊNCIA-12

**Cremilda de Araújo Medina**  
(Organizadora)

# Nas trilhas do Saber Plural

## Três décadas de interrogantes



*Pensadores de autorias interdisciplinares*

Cremilda Medina. Milton Greco. Marcos Zibordi. Lucilene Cury. Walter Trinca. João Frayze-Pereira. Artur Teles de Araújo (homenagem póstuma). Carolina Klautau. Eliane Fadigas. Sinval Medina. Márcia Blasques. Patrícia Patrício. Lenina Pomeranz. Ana Maria Marangoni (homenagem póstuma). Renato Seixas. Dimas Künsch. Salvato Trigo. Elen Geraldês. Angela Farah. Tânia Sandroni. Andrea Tedesco. Edson Capoano. Ana Lúcia Medeiros. Liana Milanez. Demétrio Magnoli. Mara Rovida. Fernando Rezende. Gean Gonçalves. Jaqueline Lemos

# Nas trilhas do Saber Plural: Três décadas de interrogantes

Cremilda de Araújo Medina (Org.)

Projeto Gráfico  
Carlos A. Tavares Junior

Ilustração de Capa  
Daniel Medina

## Universidade de São Paulo

Reitor  
Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitor  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Arminda do Nascimento Arruda

## Escola de Comunicações e Artes

Diretora  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Brasilina Passarelli

Vice-diretor  
Prof. Dr. Eduardo Monteiro

## Departamento de Jornalismo e Editoração

Chefe  
Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly

Vice-chefe  
Prof. Dr. Luciano Guimarães

**“Essa obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra desde que citada a fonte e a autoria respeitando a Licença Creative Commons indicada”**

---

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

N241 Nas trilhas do saber plural [recurso eletrônico] : três décadas de interrogantes / organização Cremilda de Araújo Medina. – São Paulo: ECA-USP, 2022. PDF (199p.)

1. Comunicação. 2. Transdisciplinaridade. I. Medina, Cremilda de Araújo.

CDD 23. ed. – 302.2

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

ISBN 978-65-88640-65-4  
DOI 10.11606/9786588640654

---

Índice para catálogo sistemático  
1. Comunicação: 302.2



**Creative Commons 4.0**

Atribuição, Não comercial  
Sem derivação

# Nas trilhas do Saber Plural

## Três décadas de interrogantes

SÉRIE NOVO PACTO DA CIÊNCIA-12

**Cremilda de Araújo Medina**  
Organizadora



### **Pensares de autorias transdisciplinares:**

*Cremilda Medina. Milton Greco. Marcos Zibordi. Lucilene Cury. Walter Trinca. João Frayze-Pereira. Artur Teles de Araújo (homenagem póstuma). Carolina Klautau. Eliane Fadigas. Sinval Medina. Márcia Blasques. Patrícia Patrício. Lenina Pomeranz. Ana Maria Marangoni (homenagem póstuma). Renato Seixas. Dimas Künsch. Salvato Trigo. Elen Geraldes. Angela Farah. Tânia Sandroni. Andrea Tedesco. Edson Capoano. Ana Lúcia Medeiros. Liana Milanez. Demétrio Magnoli. Mara Rovida. Fernando Rezende. Gean Gonçalves. Jaqueline Lemos.*

## DO DIFUSIONISMO À DIALOGIA DEMOCRÁTICA

**Cremilda Medina**

Às vésperas de um momento crucial de sua vida, Friedrich Nietzsche, que seria internado em um hospital psiquiátrico três meses depois, escreveu o livro *Ecce homo* (2006). Em 1880, o filósofo que se caracteriza pelo discurso polêmico, decidiu falar da própria vida. Aos 40 anos, se permitiu o testemunho existencial, o confessional sem pruridos conceituais. A certa altura, propõe numa edição publicada em Madri:

*Se me preguntará cuál es la auténtica razón de que yo haya contado esta cosas pequeñas y, según el juicio tradicional, indiferentes; al hacerlo me perjudico a , mí mismo, tanto más si estoy destinado a representar grandes tareas. Respuesta: estas cosas pequeñas – alimentación, lugar, clima, recreación, toda la casuística del egoísmo – son inconcebiblemente más importantes que todo lo que hasta ahora se há considerado importante. (2006, pág. 59).*

Também me permito partilhar com o leitor que me honrar com sua atenção, pôr em relevo a experiência, *as coisas pequenas*, o cotidiano das trajetórias individual e coletiva. Se o Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo de América Latina (Ciespal) celebrou 50 anos e o XIII Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação reuniu pesquisadores em Marília (SP), em maio de 2009, para exporem a herança dos estudos midiáticos no Continente, pressinto certa coerência nos fios tecidos de protagonismo em que tomo a liberdade de me incluir.

No segundo semestre de 1972, saio três meses da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e mergulho, pela primeira vez, no universo latino-americano, Quito, Equador, sede do Ciespal: os Andes, a adaptação dos primeiros dias à altitude, a *Vieja Quito* e *calle Amazonas*, avenida moderna, que haveria de palmilhar durante dois meses, antes de viajar para a Colômbia. O Centro de Estudos era apertado na época, mas o pequeno auditório me ofereceria um convívio de *los hermanos hispano-americanos*. Falar português com eles, parceiros de comunicação? Nem pensar. Exigiriam que eu aprendesse o espanhol. (O tempo superou essa barreira, pois hoje se fala com tranquilidade a língua comum, o *portuñol*.)

Sim, o primeiro aprendizado de especialização no Ciespal não foi nem técnico (ferramentas profissionais), nem fenomenológico (ciências da comunicação) nem humanístico (sociologia, antropologia, filosofia). A imersão se deu na cultura, nas identidades em que a língua e a observação abrem as portas da compreensão. Se os conceitos procuram circunscrever a experiência em teorias, a vivência cultural do cotidiano provoca a curiosidade e o acesso a noções abertas sobre o Outro. O diálogo com minha companheira de pensão, a chilena Cecília Burgos, me introduziu no horizonte do extremo Sul. O Chile de Salvador Allende era até então indecifrável, o

---

Cremilda Medina, jornalista, pesquisadora e professora titular sênior da Universidade de São Paulo, é autora de vinte livros e organizou 60 coletâneas, entre elas, a *Série Novo Pacto da Ciência*, que completa três décadas em 11 edições e cuja trajetória está contemplada no primeiro ensaio deste livro, *Nas Trilhas do Saber Plural*.

que sabíamos desse país em ebulição que, no ano seguinte, cairia numa feroz ditadura, era muito pouco diante do que a palavra e o gesto de Cecília me revelavam. Lembro – essas pequenas, grandes coisas como diria Nietzsche – de trocarmos presentes como o teriam feito os ancestrais indígenas. Por exemplo, ela me deu um casaco de inverno, não estava preparada para o frio intenso das noites de Quito. E aí constatei: que indústria qualificada essa do Chile, da matéria-prima à tecelagem, ao corte e costura. Até aí achava eu que só na Europa encontraria tal produto. Foram tantas as descobertas que, muito motivada a conhecer a terra de minha amiga, combinei de, em 1973, programar a viagem com meu companheiro, Sinval Medina. Mas o ano seguinte foi trágico e perante o sofrimento que se abateu sobre o povo chileno, adiei a viagem até a queda de Pinochet. Só então pude visitar e revisitar o extremo do Cone Sul.

Não só a vizinhança de pensão me iniciava ao Chile. No curso de especialização do Ciespal, os dois chilenos eram muito solicitados na troca cultural dos intervalos de aula. Aquele momento culminante do projeto Allende mobilizava a atenção dos latino-americanos. O que não quer dizer que os ciespalinos, praticamente somente jornalistas, não quisessem informações sobre a América Central, Venezuela, Colômbia, Peru, Paraguai, Bolívia. Para os brasileiros, o Uruguai e a Argentina eram mais familiares, não representavam tantas surpresas. Por outro lado, o mergulho no Equador profundo foi a grande lição, não propriamente colhida na série de conferências que vinham dos Estados Unidos, da Europa e da então União Soviética: uma enxurrada de manuais difusionistas, sociologia funcionalista ou teoria crítica da comunicação social, metodologias de pesquisa quantitativistas. A memória ficou marcada por um módulo de um professor da Columbia University, sucedido por um módulo de um professor da Universidade de Moscou – ambos ditados pela mesma concepção pré-análise de Robert K. Merton, que tão bem soube comparar virtudes e limitações do funcionalismo norte-americano e da sociologia crítica europeia (1970).

Durante a semana, os estudos; no fim de semana, os passeios pelo Equador. Nas aulas, os latino-americanos mais inquietos, em que me enquadro sem censura, questionavam o discurso do Outro, pois a coceira da Nova Ordem da Informação provocava a constante pergunta: por que os do Sul tinham de ser colonizados pela visão de mundo do Norte? Por que a metodologia, as teorias *explicativas*, a conceituação delimitada não se abriam às inovações da América Latina? O laboratório pedagógico corria em paralelo ao formalismo do curso expositivo. Em meio à rebeldia subterrânea, irrompeu uma interlocução dialógica. Por incrível que pareça, com o próprio diretor do Ciespal, o teórico equatoriano Marco Ordoñez. Aqui lhe presto uma homenagem póstuma, pois soube ele ouvir os reclamos dos ciespalinos no início da década de 70 do século passado, o que preparou o caminho para legitimar as práticas e as teorias latino-americanas. Já durante essa década, alguns de nós voltaríamos para dar cursos e, principalmente, coordenar pesquisas com novas metodologias – o *signo da difusão migrou para o signo da relação* (2006).

Convém fazer um breve retrospecto da inquietude levada ao *recinto da especialização* no Ciespal. Havia desembarcado um ano antes na Universidade de São Paulo. Professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, contratada em 1967, tive notícia em fins de 1970 que a USP abriria o primeiro curso de pós-graduação da América Latina. Em dezembro desse ano venho colher informações e conheço José Marque de Melo, chefe do Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações Artes – outra homenagem póstuma. Muito ao seu generoso feito, de

imediatamente convidou a possível migrante para se mudar para São Paulo e trabalhar na ECA. O curso de pós só seria implantado em 1972, mas comecei a dar aula na USP em 1971. Por que queria eu fazer pós-graduação (seria a primeira mestre latino-americana em 1975), se havia à época o direito de defender doutorado pelo meu tempo de magistério superior? Queria porque queria. Desde o primeiro momento da UFRGS, reconheci que professor universitário não é digno desse estatuto, se apenas passar aos alunos as técnicas de trabalho, o que já dominava, pois me profissionalizei em 1961. Mas quando o estudo permanente ocupa o lugar da ascensão política na carreira profissional (como comunicadora no mercado ou como docente na universidade), surgem constantes questionamentos epistemológicos e necessidade de mudança de comportamentos.

A formação humanística dos cursos de Letras e de Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no início dos anos 1960, o aprendizado técnico nos laboratórios acadêmicos e no mercado de trabalho, a busca de qualificação na pesquisa e na teoria da Comunicação Social já na Universidade de São Paulo confluíram com a experiência concentrada em dois meses no Equador e, a seguir, um mês na Colômbia, onde fui estagiar em um Centro de Estudos sobre Divulgação Científica. Não estava no grau zero nem quanto às teorias, nem quanto à metodologia de pesquisa à qual fui iniciada pela via de análise de conteúdo nas mídias da comunicação coletiva, sob orientação de José Marques de Melo (1972). Sem demérito desse significativo aprendizado, logo transcenderia os estudos quantitativos para uma contextualização sociocultural do Jornalismo, tema da dissertação de mestrado, que viria a constituir meu segundo livro (1978). O projeto que trouxera de Porto Alegre, sob o título da “Estrutura da Notícia”, se transformou, depois da experiência de USP, do CIESPAL e da vida profissional, cerceada pela ditadura militar, em um estudo sobre o Jornalismo na sociedade industrial – “Notícia, um produto à venda”.

Apesar das circunstâncias da censura e da repressão, dava meu depoimento como pesquisadora e jornalista militante nos debates acalorados com meus colegas ciespalinos, chamando o foco para as contradições e não para o maniqueísmo. Se a notícia era um produto industrial, hoje um produto pós-industrial, a representação do real em uma narrativa se dá em um contexto simbólico atravessado por múltiplas forças e não apenas conformada pelo determinismo econômico-político ou político-econômico. Foi duro discutir essa complexidade na ECA dos anos de chumbo, no Ciespal da dicotomia difusionismo/teoria crítica ou em qualquer fórum que debatia, ao longo dos anos 1970-80, a censura e a livre-expressão. Mas a estante de autores latino-americanos, fruto do pensamento que se expressava ao Sul em contraponto à hegemonia bibliográfica do Norte, reuniria em Quito uma massa crítica significativa. Rendo mais uma homenagem à instituição ciespalina, quando me pediu para escrever um livro sobre o jornalista. Elegi a vertente da responsabilidade social do mediador-autor das narrativas da contemporaneidade (1980). (Reflexão à margem do tempo: hoje, na era digital, prossegue a pesquisa e a fé na responsabilidade social do jornalista, cercado pela difusão dos *repórteres cidadãos*.)

Quero voltar às pequenas coisas do cotidiano, quando, nos fins de semana, me separava do grupo e percorria os remotos *pueblos* do Equador. Meus colegas, em geral jornalistas, assessores de imprensa, professores de comunicação, preferiam ir à praia e descer de Quito a Guayaquil. Mas eu optava por Otavalo, Latacunga, Cuenca... Mas antes de viajar para o interior, no miolo da semana, havia a história e a contemporaneidade da capital equatoriana. A *Quito Vieja* seria a primeira cidade-monumento do patrimônio da humanidade, escolhida no programa da Unesco que,

mais tarde incluiria Ouro Preto na lista. (Me envolvi de tal forma nesse processo que levaria a Paris, em janeiro de 1981, ao diretor do IPHAN, Aloísio Magalhães, que morreria no ano seguinte, cópia do dossiê de Quito que colherei em 1979, para colaborar no pleito brasileiro. Não sei se ajudou ou não, mas o projeto brasileiro saiu vitorioso.) À paixão pelo patrimônio histórico brasileiro se somou, nos anos 1970, o interesse e afeto pelas marcas hispano-americanas. E Quito foi uma lição viva.

Sentimentos contraditórios, porém. Ao entrar, nos fins de tarde, na Igreja de São Francisco, no centro histórico da cidade, e perceber a suntuosidade do ouro e do barroco, saltava o contraste com o povo indígena acendendo velas e orando por dias melhores. O que mais me tocava era aquela gente mirradita: onde estavam os primeiros habitantes guerreiros? Os séculos de dominação e o álcool introduzido pelos conquistadores fizeram deles uma sombra triste de humanidade que nem a luz das velas da catedral engrandecia. (Num entardecer, lembraria hoje a frase caboverdiana que conheci mais tarde, ao trabalhar na África – *no desamparinho da tarde* -, depois das aulas no Ciespal, sentei num banco da igreja, os *quiteños* pobres desfilavam rezando e acendendo velas nos altares, chorei.)

Não foi por acaso que conheci Otavalo. Um jornalista equatoriano, que fazia o curso de 1972, me falou de sua gente – uma cultura indígena que resistiu à Conquista, se ilhou nos Andes e administrou, com autonomia, a sobrevivência, com o comércio de seus produtos. Trouxe para o Brasil uma reportagem (publicada no *Jornal da Tarde*), cujo título, *Os fenícios da América*, ensaiava representar a saga dos *otavaleños*, no sentido oposto da miserabilidade dos fiéis da Igreja Matriz de Quito. Quem encontrar esses índios, nas comunidades andinas ou na feira de Otavalo aos sábados, vai constatar - pelo porte físico e a atitude altiva - que eles não se deixaram dominar. Criaram uma estrutura de resistência e de trocas; montaram uma cadeia de comércio que atravessou séculos de colonização e chegou à atualidade. Assim, nas décadas posteriores à primeira ida ao Ciespal, encontrei *otavaleños* em Londres, Nova York, Rio de Janeiro ou em Higienópolis, o bairro onde moro em São Paulo. Seus produtos coloridos são inconfundíveis. Discretos caixeiros viajantes, ficam deslumbrados quando lhes digo que já estive lá na montanha, visitando uma comunidade, cujo líder tinha ido estudar Ciência Política nos Estados Unidos.

Quando voltei do Equador (a primeira viagem), os profissionais do *Jornal da Tarde* não compreendiam o entusiasmo com que contava essa e outras histórias. Ainda bem que a sensibilidade de Murilo Felizberto (outra homenagem póstuma que faço, morreu em 2007), editor-chefe do jornal, gostou da narrativa de Otavalo. Das incursões nos Andes, não pode escapar outra grande aventura, dessa vez inspirada em um mestre da primeira pós-graduação da América Latina, Egon Schaden. Sua presença permanece viva na atividade acadêmica atual, apesar de o antropólogo ter morrido em 1991. Além do desbravamento das teorias culturais que iniciara na USP, na primeira disciplina que fiz com Schaden antes de ir para o Ciespal, ele compareceu a Quito para oferecer um seminário. Muito informado da cultura local, me convidou para irmos, no fim de semana, a Latacunga, acompanhar a tradicional festa *La Mama Negra*.

Imaginem-se índios pintados de negros com ricas fantasias dançando ao ritmo de tambores; na frente, a cavalo, *la mama negra* com um boneco no colo; o desfile, verdadeiro carnaval dos Andes, segue até à igreja matriz de Latacunga e espera os católicos saírem da missa para chegar à apoteose da libertação dos escravos. Acontece que a população negra ficou concentrada no litoral e a cidade da festa está nos Andes; mas os índios se travestem de negros e celebram o fim da escravidão. E mais, a igreja

católica considerava, até onde acompanhei, um rito pagão e todos os anos os índios desafiavam os padres à porta do templo na missa de domingo. Schaden e eu fomos, no sábado, para as casas dos festeiros, vimos os preparativos, sentamos no chão e fomos convidados para a roda da *chicha*, a bebida indígena fermentada do milho. O antropólogo me fez experimentar o *trabalho de campo*. Na sala de aula do Ciespal, falávamos das teorias sociológicas da comunicação; em Latacunga, senti o gosto da *chicha*, o cheiro da casa indígena, as cores da *Mama Negra*, o gesto das danças, o som dos tambores. Tudo unido me fez compreender a importância da **produção simbólica**.

Ao me aproximar de Néstor Canclini, em especial o texto panorâmico da *noção de cultura* em *As culturas populares no capitalismo* (1981), partilharia a compreensão de que as *narrativas da contemporaneidade* produzem e articulam sentidos perante o caos da realidade que nos cerca e invade. Diria, em um congresso internacional na antiga Iugoslávia, em 1990, um ano antes da guerra, que o *jornalista é um leitor cultural* (1991). Uma leitura que se traduz em produção simbólica. Vejo à distância do tempo e do espaço, quanto aprendi nas viagens pelo Equador, quanto transpus o aprendizado do trabalho de campo da antropologia para a reportagem jornalística. Se desde a graduação havia optado pela condição de viajante em busca do *signo da relação* (2006), os estudos dos primeiros anos da década de 1970, cresceram um grão de consistência e afeto no âmbito da teoria e práticas culturais.

Não fora a circunstância política da ditadura militar e não teria saído desse percurso acadêmico uspiano. Em maio de 1975, com a cassação de Sival Medina, Walter Sampaio (saudosa lembrança, morreu em 2002), Paulo Roberto Leandro (também nos deixou em 2015) e eu deixamos o Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA. Uma ruptura dolorosa em tempos de ameaças e riscos da integridade física e intelectual. Segue-se o mais longo período de dedicação plena ao jornalismo, dez anos no *Estado de S. Paulo*. No labor de uma editoria de artes (oito anos como editora, dois como repórter especial), a experiência política dos agentes culturais em confronto com a censura e a repressão me pôs diante de cotidianos desafios. As dinâmicas sociais na luta pela redemocratização no Brasil dos anos 70 para os anos 80 receberam enorme contribuição dos artistas e *O Estado de S. Paulo*, enquanto empresa jornalística, soube acolher o *grito dos desajustados*. Estou me referindo à interpretação do historiador Nicolau Sevcenko (1952-2014) que, em sua tese de doutorado sobre a Primeira República, invoca a literatura, prosa dos desajustados, onde se dramatiza o desejo de outra história. O autor se vale, no caso, de Lima Barreto e Euclides da Cunha (1983). Transpondo o cenário da Primeira República para o dia a dia da editoria de artes dos anos 1970 para o início da década seguinte, além da resistência cultural expressa nas obras, os artistas se organizavam para enfrentar o arbítrio da ditadura militar: brincávamos no meio da tarde, *lá vem o manifesto das cinco*.

O enlace com a América Hispânica não desapareceu. Se não retornava nem em visita à USP, prossegui nos itinerários latino-americanos. Peru, México, Venezuela, Costa Rica e, claro, Equador. Em 1979, o Ciespal celebrava sua nova sede e lá estava eu para a festa. Uma dupla festa, porque entre as ditaduras militares do Continente, o Equador era o primeiro país a se redemocratizar. Dessa vez elegi Guayaquil como viagem interna, não para ir à praia, mas para entrevistar o presidente eleito, Jaime Roldós (morto em 1981 em um acidente aéreo). Além do tônus político do momento, conjugava-se, na oficina jornalística, a interdisciplinaridade das ciências sociais com as artes. E foi a ênfase humanística, cultural, que me imunizou da **neopatía**



das tecnologias. No alvorecer dos anos 1980, começa a febre do computador, da informática, da telemática. Os arautos da Era Digital tomaram conta do imaginário das elites. Enquanto a inteligência natural ralava nas ruas em manifestações e comícios, os tecnólogos se ilhavam na expansão e propaganda da inteligência artificial. Ainda bem que ambas se reconciliaram no fim do século passado e amanhecemos, no século XXI, conscientes de que a produção simbólica corre à frente da produção mecânica, esta, um precioso suporte dos sentidos que atribuímos ao mundo e da partilha democrática que se acelera e estreita nas redes inteligentes.

Mas foi difícil manter a chama. Ao voltar à Universidade de São Paulo em 1986, muitos estragos seriam irreversíveis. O retorno, pleno de afetos e expectativas positivas, não se realiza na concretização de nostalgias. O ambiente dos anos 1970 se dissipara. Aos poucos se foram os mestres do primeiro curso de pós-graduação. A América Latina, às voltas com seus projetos de construção democrática e desenvolvimento socioeconômico, o Ciespal não ocupava mais um lugar de destaque nas escolhas acadêmicas – os pesquisadores preferiam especialização tecnológica nos Estados Unidos ou sociologia da comunicação na Europa. Teorias Culturais? Nem pensar. Sentia-me estrangeira optando pelo cruzamento de comunicação social com sociedade, cultura e mito. A sorte é que os alunos adoravam o contato com a arte, na graduação ou na pós-graduação. As novas ferramentas de trabalho em nada impediam o prazer do livro. Lembro de uma disciplina da pós, há quase vinte anos, em que fruímos o romance latino-americano. Renato Seixas, mestre e doutor pela USP, hoje professor da mesma universidade e colaborador do Projeto Plural, à época advogado, seguidamente recorda esse programa que tanto que o marcou.

Como omitir o ato de resistência da cultura artística numa época de cultura mecânica? E foi a experiência do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam) que muito me estimulou. Implantado em 1988 na USP, logo me agreguei ao projeto que atingiu este ano a maioria. Seria o Ciespal que me motivara? Certamente. Depois dos dez anos no *Estadão* que me levaram a viajar pela Europa, Estados Unidos, África e então União Soviética, voltei entusiasmada à latino-americanidade. Uruguai, Chile, Argentina, Peru, ah, que bom reencontrar o espetáculo dos Andes e o rosto mestiço dos caminhos do Hemisfério Sol. Desta vez em tempo integral dedicada à universidade, assumi definitivamente a conjugação da repórter e da educadora. Uma aluna de pós-graduação, que fez doutorado no Canadá, me intitulou, em 2009, *praticante do empirismo radical*. Alguns podem não gostar, mas de minha parte, que outra denominação serviria para o mergulho de cabeça na cena viva contemporânea para daí emergir com interrogantes reflexivas?

Tais interrogantes ganharam outra dimensão com a pesquisa inter e transdisciplinar dos últimos vinte anos. Se em *narrativas da contemporaneidade* o projeto culminante com alunos de graduação tem sido a série *São Paulo de Perfil*, livros de reportagem-ensaio que têm mapeado de 1987 a 2008, em 27 edições temáticas, os traços culturais das megalópoles, os seminários interdisciplinares da pós-graduação vêm debatendo, desde 1990, o *discurso fragmentalista da ciência e a crise de paradigmas*. O debate inter e transdisciplinar, registrado em onze publicações, chegando em 2022 ao 12º volume do Novo Pacto da Ciência, propõe um adensamento do diálogo social, das mediações entre ciência e sociedade e da autoria inovadora. Nas redes à distância ou de conexões presenciais, aparece com nitidez a voz latino-americana, brasileira e paulista seja em temas como o mundo do trabalho (1995) ou energia e meio ambiente (2009). Um dos seminários a que compareci, em Buenos Aires, com a presença de europeus como Ilya Prigogine (1917-2003) e Edgar

Morin, ofereceu a oportunidade de se verificar o acerto dos debates assumidos pelos autores inquietos do Hemisfério Sol, segundo registro do Projeto Plural e a Crise de Paradigmas (1993). Melhor do que meu testemunho, a coletânea deste título ensaia a concretude da inter e transdisciplinaridade.

Do *saber local*, outra maneira de nomear o saber cotidiano, se aprende muito na aventura humana de São Paulo. Daí as narrativas de mais de 500 autores, na Série São Paulo de Perfil, trazerem para as páginas impressas de 27 livros o imaginário das ruas, as marcas identitárias dos migrantes, do rosto mestiço, do enfrentamento urbano, as raízes culturais e o desejo mítico de melhor qualidade de vida. Ir ao encontro do Outro, ainda que vizinho, revela a condição humana do presente, traz à tona a memória das biografias e projeta o sonho do futuro. Embora a contemporaneidade da narrativa, os tempos e os espaços se entrelaçam.

Nesse sentido, a volta à universidade em 1986 valeu mais do que os desgostos perante circunstâncias adversas desse período. A solidária cadeia interdisciplinar trouxe energias muito positivas: físicos, matemáticos, biólogos, químicos, médicos, dentistas, sacerdotes, com suas experiências de ciência dura ou empirismo radical, as platitudes cristalizadas nas ciências sociais, na educação, na arquitetura ou na engenharia. Tem sido um convívio nada agressivo, pelo contrário, de enriquecimento complementar. É uma honra o lugar do comunicador na mediação dialógica e na partilha dos impasses de mentalidades e metodologias. Daí resulta o que venho insistindo nos últimos anos: mais importante do que laboratórios técnicos de mídias impressas, eletrônicas ou digitais são os laboratórios epistemológicos. As ferramentas mentais se atrofiam se deixarmos de cuidar delas para só nos dedicarmos exclusivamente ao treinamento das máquinas. Aprende-se muito com neurocientistas como António Damásio (1994) ou com Gil Taylor (2008), entre muitos outros.

Um breve sumário das pautas do laboratório epistemológico nos vem do Saber Plural. Por exemplo, a relação sujeito-sujeito, a intercausalidade, a noção de processo e as contradições inerentes ao processo, polifonia e polissemia no diálogo social, autoria e produção de sentidos não importa em que suporte. Ao longo de um trabalho na graduação, na pós, na especialização ou em breves oficinas, a mutação de certos vícios mentais – relação sujeito-objeto, monocausalidade, dicotomias, voz oficial e significados do poder, burocratização dos sentidos sem a autoria inovadora – leva o educando e o educador a mobilizarem potencialidades da inteligência natural. Partindo desse laboratório, a narrativa da contemporaneidade irradia brilho poético em meio aos discursos opacos sobre o presente.

O Ciespal ficou para trás? Décadas se sucederam do século XX ao século XXI e a vertente cultural da América Latina subsiste como o principal eixo dos estudos teóricos e das práticas narrativas na Comunicação Social. No laboratório epistemológico do Projeto Plural, com trinta anos de experiência transdisciplinar, volto à seara disciplinar da mediação dialógica autoral. Não há como abdicar de eixos fundantes da produção simbólica. Dos mitos fundadores aos desejos coletivos das sociedades contemporâneas, não há como se mover física ou digitalmente, sem os símbolos dos povos vocalizados nas personagens literárias (1996). Como jornalista ou como pesquisadora nas ciências da comunicação, *o gesto da arte* me aproxima da pluralologia na viagem ao Outro. As interrogantes teóricas se fecundam nos encontros vivos. Podem analisar, e o estão fazendo, as vantagens da velocidade no tempo e do encurtamento das distâncias nas mídias digitais, mas teorias assépticas que dispensam o contato direto, corpo a corpo, não consideram os sentidos da compreensão, da interação criadora. Razão tem o colombiano Luís Carlos Restrepo quando denuncia

o analfabetismo afetivo (1994). No dia em que uma rede digital me oferecer tato, olfato, paladar, além da visão fragmentada e das frases descontextualizadas que oferece hoje, talvez abdique do encantamento da rua. Afinal, a *alma encantadora das ruas* levou João Rio a sair das redações do início do século XX para se encontrar, ao vivo, com a gente miúda e o cotidiano cariocas. Assim nos doou além de narrativas preciosas, uma metodologia para reportar a cena social contemporânea.

Volto, pois, ao Ciespal: para além dos conteúdos explanados no curso de especialização nos anos 1970, ficou impregnado nos ciespalinos o sentir-se latino-americano, com o Brasil incluído. As viagens que se sucederam, as buscas bibliográficas de autores do Continente e o trabalho jornalístico nunca mais partiriam do princípio de *eles, latino-americanos, e nós, brasileiros*. Parece ingênuo, mas enunciar um todo é tão difícil para os hispano-americanos quanto para os brasileiros. Por isso também se acrescenta o significado do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina dentro do universo europeizado da Universidade de São Paulo. Ciespal e Prolam representam na saga, por vezes tormentosa, do conhecimento científico e da ação transformadora um legado que merece ênfase no contexto de ambas as instituições. E hoje em que espaços e tempos se estreitam nas infovias, não dá para esquecer o quão significativo é, foi e serão os encontros ao vivo e a cores nas sendas territoriais do Hemisfério Sol. Aprendemos há tempo, na América Latina, que temos de questionar a pretensão difusionista do Hemisfério Norte e nos lançarmos à dialogia democrática na pluralidade cultural; aprendemos que se a liberdade de expressão é um bem histórico, cultivado no Iluminismo, o trânsito nas sociedades, nos grupos, na diversidade humana, nos desloca para o direito coletivo. Não abdicamos da assinatura de autoria (e sua autonomia inerente), mas é na escuta do Outro que o Direito Social se sobrepõe à arrogância difusionista do todo poderoso EU.

#### Referências (por ordem de citação)

MERTON, Robert. *Sociologia, teoria e estrutura*. Mestre Jou, 1970.

MEDINA, Cremilda. *O signo da relação, Comunicação e Pedagogia dos Afetos*. Paulus, 2006.

MELO, José Marques. *Estudos de Jornalismo Comparado*. Pioneira, 1972.

MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda*. Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial. Alfa-Ômega, 1ª edição, 1978. Hoje título publicado em várias edições para Summus Editorial.

----- *El rol del periodista*. Quito, Equador, Ciespal, 1980. Obra publicada no Brasil, sob o título *Profissão Jornalista, Responsabilidade Social*, pela editora Forense em 1982.

CANCLINI, Nestor. *As culturas populares no capitalismo*. Brasiliense, 1981.

MEDINA, Cremilda. “Jornalismo e a Epistemologia da complexidade”, ensaio in MEDINA, Cremilda (org.), *Novo Pacto da Ciência, a Crise dos Paradigmas, Primeiro Seminário Transdisciplinar*, ECA/USP, 1991.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Brasiliense, 1983.

SAGRERA, Martín. *Mitos y sociedade*. Barcelona, Editorial Labor, 1967.

MEDINA, Cremilda. “Viver na incerteza e no risco”, ensaio in MEDINA, Cremilda e GRECO Milton (organizadores.), *Do Hemisfério Sol*, ECA/USP/CNPq, 1993.

Neste texto, a autora relata seu encontro com Ilya Prigogine e Edgar Morin em um congresso em Buenos Aires em 1991.

DAMÁSIO, António. *O erro de Descartes*. Lisboa, Publicações Europa-América, 1994.

TAYLOR, Jill Bolte. *A cientista que curou o próprio cérebro*. Ediouro, 2008.

MEDINA, Cremilda. *Povo e personagem*. Editora da Ulbra, 1996.

RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*. Vozes, 1998.